

EDITORIAL

*4468*  
**Bem-vindo seja, Camargo Corrêa**

Bodoquena, o antigo distrito mirandense de Campão, emancipado com a última divisão de municípios do Estado, é apenas um pequeno burgo rural perdido em uma aba da serra que lhe deu o nome.

Região de terras férteis, de colonização relativamente recente, situa-se a uma pequena distância da periferia da chamada "terra dos índios". E como sua vida transcorria em termos de produção agrícola, sobre a mesma pesa, como constante ameaça, a famigerada medição das terras dos caduveus, em que a FUNAI teima em anexar ao patrimônio daquela tribo (o que equivale, mais ou menos, a seu patrimônio) uma área de 165.511 hectares, parte da qual se acha ocupada, não somente com posseiros, como por dezenas de proprietários portadores de títulos definitivos.

A espoliação dessas terras em benefício de menos 1.000 índios, que já possuíam uma área de 373.024 hectares (representando mais de 300 hectares para cada índio vivo), reduziria de muito as possibilidades de sobrevivência do novo município, que, com isso, perderia uma boa extensão de terras cultiváveis, das melhores do Brasil, uma vez que não é de esperar, nem dos caduveus nem da Funai, seu melhor aproveitamento.

Entretanto, enquanto prossegue uma interminável discussão a respeito dos direitos às terras, conseqüente de duas medições distintas, e sobre os problemas decorrentes de uma calamitosa expropriação, uma organização arrojada, que já tem seu nome marcado fundamentalmente na economia brasileira – a Camargo Corrêa Industrial – resolveu aproveitar as enormes riquezas em calcário da região e lá instalar grande e moderna fábrica de cimento.

De uma hora para a outra, Bodoquena reviveu. Mesmo que o absurdo prevaleça no caso caduveu, o município não precisará da plena possibilidade de exploração dessas terras para prosperar. E se entrega, de corpo e alma, à esperança de tornar-se uma grande cidade, com centenas de edificações novas e uma renda certa e grande que lhe permitirá viver e progredir.

A indústria da Camargo Corrêa levará ainda quase cinco anos para instalar-se, eis que seu cronograma indica o começo de 1989 (que talvez se transforme no final de 1988) para começar a produzir. Entretanto, até lá, a pequena cidade passará por uma total remodelação, não apenas com a construção de centenas de novas residências, como pelas obras de infra-estrutura que vai receber, inclusive, certamente, pavimentação asfáltica.

A fábrica da Camargo Corrêa terá uma capacidade de produção de 1.500 toneladas/dia, ou 460 mil toneladas/ano. Aos preços atuais, essa produção valeria cerca de 38 bilhões e elevaria a receita do Estado em 5,7 bilhões de cruzeiros. Seu projeto total prevê aplicações globais no montante de 100 milhões de dólares até sua instalação, já havendo um projeto de ampliação de sua produção.

O Estado dispõe apenas de uma unidade cimenteira importante, que é a Fábrica de Cimento Itaú (cuja produção foi elevada duas vezes e é dos melhores cimentos brasileiros). Essa fábrica é responsável por 40% do consumo do Estado e ainda exporta boa parte de sua produção para a Bolívia. A fábrica de Três Lagoas, que produzia ou produz cimento usando um aglutinante existente no município (a pozolana) bem como calcário recebido de Miranda por via férrea, parece estar desativada.

Camargo Corrêa tornará Mato Grosso do Sul, pelo menos por algum tempo, auto-suficiente em matéria de cimento e, com o material que tem (o qual lhe garante uma produção por 300 anos) disputará com a Itaú, de igual para igual, o direito de produzir um dos melhores materiais de todo o País.

Bodoquena, hoje um burgo perdido e esquecido na aba de uma serra, tornou-se um dos mais futurosos e progressistas municípios do Estado.

Bem-vindo seja, portanto, o velho pioneiro Camargo Corrêa, a uma nova etapa de trabalho em Mato Grosso do Sul. Um Estado que ajudou a crescer.